

O IMPERATIVO NO SISTEMA DAS ARTES

IMPERATIVE IN ARTS

Erinaldo Sales¹

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo demonstrar como, nos trabalhos de alguns filósofos alemães, permanecem valores de hierarquização ao situar a poesia no grau mais elevado e a arquitetura no grau mais baixo de valoração do sistema das artes.

Palavras-chave: Imperativo; Sistema das Artes; Classificação.

ABSTRACT

This paper aims to expose the arts system condition in some German philosopher's, and to show that the arts division structure made by them remains the same when poetry is placed in the highest rank and architecture in the degree lower of the hierarchy.

Keywords: Imperative; Arts System; Classification.

Há duas maneiras de se ler este título. Numa primeira, ele remete, imediatamente, ao imperativo categórico postulado pelo filósofo Immanuel Kant, no livro *Fundamentação da Metafísica dos costumes* (1775). Escreve ele:

A representação de um princípio objetivo, na medida em que coage a vontade, denomina-se mandamento (da razão), e a fórmula do mandamento chama-se IMPERATIVO. Todos os imperativos são expressos pelo verbo (dever e indicam, por esse modo, a relação entre uma lei objetiva da razão e uma vontade que, por sua constituição subjetiva, não é necessariamente determinada por essa lei (uma coação). Declaram eles, que seria bom fazer tal coisa ou abster-se dela, mas declaram-no a uma vontade que nem sempre faz uma coisa, porque lhe é apresentada como boa para ser feita. Portanto, praticamente é bom o que determina a vontade por meio de representações da razão, isto é, não em virtude de causas subjetivas, mas objetivamente, quer dizer por meio de princípios que são válidos para todo ser racional enquanto tal.

Dessa forma, o imperativo categórico, em termos gerais, é uma forma de ação em que qualquer indivíduo deve agir de maneira que seus princípios – éticos – tenham validade universal. Isso corresponde à máxima “Faça aos outros aquilo que gostaria que fizessem para você”. Alguns interpretam que essa postulação de Kant equivale aos ‘Mandamentos’ bíblicos.

Interessa-nos aqui, sobretudo para a explicação inicial do título em relação às artes, o trecho em que Kant declara: “Portanto, praticamente é **bom** o que determina a vontade por meio de representações da razão, isto é, não em virtude de causas subjetivas, mas objetivamente, quer dizer **por meio de princípios que são válidos para todo ser racional enquanto tal.**” (grifo nosso). Embora voltado para a questão da ética, esse postulado kantiano nos servirá para tentar expor a sistemática dominante na relação da classificação que as artes têm (e vêm tendo) ao longo da História.

Numa definição mais geral, de dicionário, temos que o termo “imperativo”, entre outros significados, é o “(1) que tem caráter de ordem”; “(2) autoritário, arrogante”². A combinação dessas duas definições do dicionário expressa a sistemática dominante da classificação das artes e aquilo que queremos discutir neste texto, ou seja, que há um princípio dominante, quase “categórico” (como lei universal) da classificação e divisão das artes por meio de uma hierarquia de valores, e isso vem sendo endossado ao longo de praticamente toda a história da estética.

Os sofistas foram, na Antiguidade, os primeiros proponentes de uma divisão das artes associadas ao prazer, opondo este à utilidade. Distinguíam eles dois tipos: as artes úteis, voltadas para as necessidades da vida do homem, e as que produzem prazer.

A distinção entre os produtos que são úteis e os que agradam já havi aparecido no pensamento grego anteriormente e a encontraremos mais tarde entre os filósofos. Porém, foram os sofistas os primeiros a aplicá-las na arte. Para Tatakiewicz, “a fácil distinção entre duas classes de artes, as que proporcionam prazer e as que são úteis, poderia ter feito um caminho provisório para separar as belas artes em si. Não obstante, a ideia não encontrou maior ressonância entre os gregos, como se ela tivesse sido muito cedo para fazerem tais diferenciações”. Esse mesmo autor assinala que, apesar de este feito, a classificação dos sofistas contou posteriormente com uma ampla aceitação. Durante a época helenística, apareceu uma forma mais desenvolvida, estando presente nos teóricos renascentistas do século XVI³

¹Doutorando de Arquitetura e Urbanismo, na linha de Teoria, História e Crítica, da Universidade de Brasília.

²Dicionário Unesp do Português Contemporâneo. São Paulo, Unesp, 2004, p.738.

³“La distinción entre los productos que son útiles y los que agradan, yahabía aparecido en el pensamiento griego con anterioridad y la encontraremos más tarde en otros filósofos. Sin embargo, fueron los sofistas los primeros en

Tem-se aí a primeira separação das artes: as artes úteis e as voltadas para o prazer. Essa distinção, de certo modo, vai permear todas as demais separações/classificações da arte ao longo da história.

Na Antiguidade, a classificação das artes foi determinada pelas ideias estéticas à época, a partir do uso dos artefatos no cotidiano junto com a filosofia, e não a estética propriamente dita. No período grego, não houve alteração do que havia sido formulado em relação às artes, sendo essas concepções substituídas posteriormente no período helenístico. As ideias primordiais eram as de beleza, arte e poesia.

Na Grécia, a concepção de beleza era muito mais ampla do que hoje em dia, pois abarcava não somente pintura, estátuas e composições musicais, mas abrangia também as virtudes e as ações e pensamentos relacionados com a verdade. A beleza não era entendida apenas no sentido estético, e sim, também, como beleza moral. Essa concepção de beleza do período grego manteve-se até o final da Antiguidade. A arte também teve, nesse mesmo período, uma ideia mais geral do que a dos dias atuais, englobando todos os trabalhos produzidos mediante regras, fossem eles de artistas, artesãos ou eruditos.

Platão tentou classificar as artes de várias maneiras, distinguindo a música, por exemplo, baseada em matemática, e a música, baseada em simples experiências. Essa classificação não foi adiante, ao contrário das outras tentativas feitas pelo filósofo. A primeira delas leva em conta as diferentes artes relacionadas com as coisas reais, os usos que dela se utilizam, como a caça, ou no sentido de imitá-las, como a pintura, ou ainda com as que produzem coisas, como a arquitetura. Essa divisão tripartite das artes foi bastante importante nos tempos antigos, classificando as artes que fazem uso da realidade, as que produzem uma nova realidade e as que imitam a realidade. Ainda assim, Platão desprezou as artes que fazem uso das coisas, dando maior importância para as outras duas categorias das artes, as que produzem e aquelas que imitam, ou seja, as artes 'produtivas' e as artes 'imitativas'.

Apesar disso, Platão não desenvolveu de forma sistemática uma teoria da arte como poderíamos entendê-la hoje em dia. A proposta metafísica do filósofo está organizada numa concepção da realidade hierarquizada e dividida em um mundo sensível e inteligível, que será crucial para a sua percepção da arte e da sua elaboração. Ele parte do princípio de que a percepção é sensível e, assim, tem valorização pejorativa. Relacionada sempre a um conceito de valorização, ela possui uma natureza sensível. Assim o problema da representação artística não é a representação das Formas (ou Ideias), mas a dos objetos sensíveis⁴. O artista não é

um contemplador das ideias, mas sim aquele que produz imagens sensíveis, produzindo aparências que estão desvinculadas da natureza das coisas. Como as ideias pertencem ao mundo inteligível, e os objetos ao mundo sensível, o artista é um tipo de criador de aparências que não tem o conhecimento sobre a natureza das coisas. Ricardo Moral aponta que o conceito central na teoria da arte de Platão é o de imitação, a mimesis, e que esta recebe diversos significados: cópia da realidade, personificação, expressão de emoções⁵, assim, a imitação será sempre inferior à realidade das ideias, porque, no caso da arte, as obras produzem somente prazer, ou, no máximo, possuem um valor exemplificador relativo.

Há dois tipos de representações pictóricas em Platão, as que têm por base a "construção do parecido", cuja obra representa fielmente o objeto imitado, tomando com precisão as medidas de profundidade, proporção e cores, e as que ele chama de "imitação fantástica", baseada nas aparências, criando ilusões ópticas por meio de perspectivas, sem se importar muito com a exatidão de medidas ou de proporções.

Na *República*, Platão fala que

*Os que amam os sons e os espetáculos gostam dos belos sons, das cores, formas e tudo o que é realizado a partir de tais coisas, mas a inteligência é incapaz de ver e gostar da natureza da beleza em si mesma. (Platão, República 476 B)*⁶

aplicarlas al arte. Para Totarkiewicz, "la sencilla distinción entre dos clases de artes, las que proporcionan placer y las que son útiles, pudo haber constituido un camino provisional para separar las bellas artes ensí. No obstante, la idea no encontró mayor resonancia entre los griegos, como si hubiera sido demasiado pronto para hacer tales diferenciaciones". Este mismo autor señala que, a pesar de este hecho, la clasificación de los sofistas contó posteriormente con una amplia aceptación. Durante la época helenística, apareció de una forma más desarrollada, estando presente todavía en teóricos renacentistas del siglo XVI" (TERRADA, María José Lopes. Introducción a la historia de las ideas estéticas: la antigüedad. Universitat de València, 2007. P. 54).

⁴Ricardo Piñero Moral, *Teoría del arte clásico*, Salamanca, 1999, pp. 83.

⁵Idem.

⁶*Los que... son amantes de la audición y los espectáculos gustan los bellos sonidos, colores, formas y todo lo realizado a partir de tales cosas, pero su inteligencia es incapaz de ver y gustar de la naturaleza de la belleza en sí misma".*

A pintura e todas as artes imitativas estão distantes da realidade, e o elemento de nossa natureza que é acessível à arte estão igualmente longe da sbedoria. A descendência da união assim formada não será menos que seus pais... Isso não é verdade apenas da arte visual, mas da arte auditiva, que chamamos poesia⁷ (República 603a)

Imitação poética... em seguida alimenta regando o que devia estar seco e nos eleva como governante do que devia ser governado, para que sejamos melhores e mais felizes em lugares piores e mais desgraçados.⁸ (República 606 D)

A imitação é uma composição, de imagens, sem dúvida⁹ (Sofista 265 B)

Aristóteles atribui uma função moral à arte por meio da purificação (*catharsis*), no entanto, não se desvincula da relação platônica entre arte e educação. A revalorização empírica legitima a representação artística como tal. Para o filósofo, as artes coincidem por serem todas elas imitação. Dentre essas artes, a epopeia, a tragédia, a comédia, a ditirâmbica (cantos em honra a Baco), a aulética (instrumentos vocais, flauta) e a citarística, todas elas coincidem por serem imitação, diferenciando-se pela maneira de imitar e pelas coisas imitadas.

Pode-se considerar uma tentativa de início de filosofia da arte em Aristóteles no famoso trecho da *Poética* abaixo, uma vez que busca atribuir a missão da poesia (e conseqüentemente da arte) de descobrir o que há de universal nela:

Pelas precedentes considerações se manifesta que não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem verso ou prosa (pois bem que poderiam ser postas em verso as obras de Herótodo, e nem por isso deixariam de ser história, se fossem em verso o que eram em prosa) — diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta, o particular (ARISTÓTELES, 2003: 115).

O filósofo não desconsidera a recepção da obra e evidencia a noção de prazer, prazer este retirado da própria imitação, ao mesmo tempo na produção e na contemplação, prazer complexo de sentir os efeitos sobre o fingimento e purificar-se dele: “suscitando o terror e a piedade [a tragédia] tem por efeito a purificação dessas emoções (Aristóteles, 2003: 110).

A classificação das artes de Aristóteles difere pouco da de Platão. Aristóteles divide as artes em artes que completam a natureza e as artes que a imitam. Essa divisão serviu para agrupar uma boa parte das posteriormente chamadas “belas-artes” no grupo das artes imitativas. Pode-se dizer que essa foi uma das mais importantes classificações dos tempos antigos do ponto de vista da estética. Ainda assim, esse princípio de classificação foi bem diferente das feitas nos tempos modernos, pois Aristóteles distinguiu a pintura, a escultura e a poesia das outras artes, não porque tendiam a expressar a beleza (ou os sentimentos, nos dias atuais), mas sim porque imitam a realidade. Essa distinção serviu para fazer um desvio diferente do pensamento da estética antiga com a estética moderna.

A *Poética* é considerado o texto principal de Aristóteles no que se refere à estética. O cerne da obra é a definição da arte por meio da poesia. Assim, o filósofo faz uma distinção do pensamento em três categorias: a do *conhecimento*, a da *ação* e a da *realização* (a *poiesis*), que tem em Aristóteles um sentido mais limitado. Com isso, ele se refere à arte poética de acordo classes fundamentais: o drama, dividido em trágico e cômico; a poesia épica, esta se diferencia da comédia por tratar da gravidade das ações imitadas. O filósofo sistematiza, com isso, a teoria de um gênero literário específico e concreto. Como escrevem Beardsley y Hosper:

⁷“La pintura y todas las artes imitativas están distantes de la realidad, y el elemento de nuestra naturaleza que es accesible al arte... está igualmente lejos de la sabiduría. La progenie de unión así formada no será menos que sus padres... Esto no es verdad sólo del arte visual, sino del arte auditivo, que llamamos poesía”.

⁸“Imitación poética... pues alimenta regando lo que debía estar seco y nos erige como gobernante lo que debía ser gobernando, para que seamos mejores y más felices en lugar de peores y más desgraciados”.

⁹“La imitación es una composición, de imágenes, sin duda”.

Aristóteles sugere brevemente dois motivos que originaram a tragédia. O primeiro, que a imitação é nel anatural; e o reconhecimento da imitação é causa natural de prazer para o homem, como ele o acha agradável, e o reconhecimento, por exemplo, da representação de um cão, é uma forma de aprendizagem. Posto que a tragédia é imitação de um tipo especial de objeto, a saber, os atos que provocam medo e compaixão, seu prazer próprio “é o prazer derivado da piedade e do medo através da imitação”. O problema que evidentemente surge é como podemos tirar prazer e emoções sentidas que resultam em aflição. A resposta mais acertada de Aristóteles é que, embora o objeto imitado pode ser de aspecto desagradável, o prazer de contemplar a imitação pode superar o desagradado, como a contemplação de desenhos bem feitos de cadáveres. Aquí Aristóteles oferece uma resposta parcial a uma das razões de Platão em prol do ceticismo da arte; Aristóteles considera o prazer estético básico como algo cognoscitivo, do mesmo gênero que o prazer filosófico (embora, sem dúvida, de um nível inferior)¹⁰

Uma distinção bastante usual no mundo antigo e normalmente bastante aceita era a divisão das artes liberais e as artes vulgares, tendo sido uma invenção dos gregos. O que levou à terminologia latina das artes vulgares e artes liberais. Essa divisão levou em conta sobretudo o fato de algumas artes dependerem de esforço físico e outras não, e isso fazia uma diferença importante para os gregos. Essa classificação, mais do que qualquer outra classificação do mundo antigo, dependia basicamente de condições sociais e históricas do povo grego, povo este que vivia num regime aristocrático e que tinha um grande desprezo pelo trabalho físico, braçal. Esse desprezo se manifestou claramente no nome que algumas artes passaram a ser conhecidas, ou seja, as artes eram chamadas de “vulgares”, pois exigiam esforço físico, além de também serem denominadas “sórdidas”. Essa divisão entre artes vulgares e liberais expressa a opção dos gregos para as atividades da mente, levando a uma distinção das artes liberais (intelectuais) a um grupo elevado de artes, também conhecidas como “artes honrosas”.

Também Cícero classificou as artes de várias formas, tendo por base a tradição grega, sobretudo entre artes vulgares e liberais. Além desta, ele também criou outras classificações, fundadas na importância e no significado das artes, sendo essa divisão em grandes (*artes maximae*), média (*artes mediocres*) e menores (*artes minores*). À maioria das artes pertenceriam, para Cícero, as artes militares e bélicas; para a segunda classe, as artes

totalmente intelectuais, como as ciências, além da poesia e da eloquência; e na terceira estavam as demais, como pintura, escultura, música, ‘atuação’ e atletismo. Assim, a maioria das hoje chamadas “belas-artes” se encontrava numa categoria mais baixa, o que prova, para Tatarikiewicz, que os antigos não tinham em muita conta as artes nas quais eles atingiram grau mais elevado de perfeição. Outra distinção feita por Cícero divide as artes em “artes da expressão” e “artes mudas” (*artes mutae*). Na primeira classe estão a poesia, eloquência, e música; na segunda, a pintura e a escultura.

Plotino, na *Enéada IV*, tratou da classificação das artes, “inventando”, segundo Tatarikiewicz, duas classificações diferentes, dividindo-as de acordo com os seus instrumentos, fazendo a distinção entre três categorias: as que fazem uso das forças da natureza, as que se utilizam do próprio instrumento e aquelas que utilizam instrumentos mentais, as chamadas artes psicológicas. As de primeira categoria aproximam-se da distinção feita por Platão. Em outro momento, na *Enéada V*, Plotino faz também uma classificação que é, talvez, a mais completa herança dos tempos antigos. Ele as divide em artes que produzem objetos físicos, como é o caso da arquitetura; as que ajudam a natureza, como a medicina e a agricultura; as que imitam a natureza, como a pintura; as que melhoram ou ornamentam a ação humana, como a retórica, a política e as artes militares; e, por fim, as artes que são puramente intelectuais, como a geometria. Embora nessa classificação pareça faltar, como argumenta Tatarikiewicz, um “princípio de unificação”, por apenas enumerar categorias diferentes de artes, e não necessariamente uma classificação, é de se considerar que Plotino dá um passo importante quanto à hierarquia das artes, uma vez que toma como base o grau de espiritualidade das artes, tendo como princípio da hierarquia a

¹⁰*“Aristóteles sugiere brevemente dos motivos que originan la tragedia. El primero, que la imitación es en ella natural; y el reconocimiento de la imitación es causa natural de placer para el hombre, dado que éste lo halla agradable, y el reconocimiento, por ejemplo, de la representación de un perro, es una forma de aprendizaje. Puesto que la tragedia es imitación de un tipo especial de objeto, a saber, los hechos que provocan miedo o compasión, su placer propio “es el placer derivado de la piedad y el miedo a través de la imitación”. El problema que evidentemente se plantea, es cómo podemos sacar placer de emociones sentidas que resultan penosas. La respuesta más acertada de Aristóteles es que, si bien el objeto imitado puede ser en sí mismo de aspecto desagradable, el placer de contemplar la imitación puede superar al desagradado, como en la contemplación de dibujos bien logrados de cadáveres. Aquí ofrece Aristóteles una respuesta parcial a una de las razones de Platón en pro del escepticismo sobre el arte; Aristóteles considera el placer estético básico como algo cognoscitivo, del mismo género que el placer del filósofo (aunque, sin duda, de un nivel inferior)” (Estética: Historia y fundamentos. Cátedra, 1997, pp. 27-8).*

arquitetura, a menos intelectual e espiritual, e termina com a geometria, o mais alto grau de espiritualidade e intelectualidade. Essa classificação divide as artes, então, naquelas que melhoram a natureza (as artes produtivas), as que inserem a beleza na ação humana (as artes imitativas), e as artes mentais, formando, assim, uma hierarquia, partindo do mais material, mundano e imanente até a arte mais espiritual.

No período medieval, o conceito – ou o sistema – de belas-artes ainda não existia. Na Idade Média, houve uma herança da Antiguidade, sobretudo no sistema das sete artes liberais, servindo de base para a classificação do conhecimento humano, principalmente no currículo dos mosteiros. Essa divisão em sete artes em *Trivium* (Gramática, Retórica, Dialética) e *Quadrivium* (Aritmética, Geometria, Astronomia e Música), ao que consta, tem sido enfatizada desde os tempos carolíngios.

Hugo de São Victor foi, provavelmente, o primeiro a formular a divisão das sete artes mecânicas que correspondem às sete artes liberais. A Arquitetura era listada junto com outros ofícios, sendo colocada como subdivisão da Armatura, ocupando um lugar menor entre as artes mecânicas, bem como a escultura e a pintura. Nesse período, a música ainda aparece ligada à Matemática, e a poesia permanece ligada à Gramática, Retórica e à Lógica. As belas-artes ainda não aparecem agrupadas nesse período, elas ainda ficam ligadas a outras atividades humanas diferentes, nas várias ciências e outras artes. A poesia e a música eram ensinadas em várias escolas e universidades. Já as artes visuais ficavam vinculadas a grupos de artesões, nos quais pintores, às vezes, eram ligados a farmacêuticos por causa do preparo das tintas, os escultores ligados a ourives e os arquitetos a pedreiros e carpinteiros. Até o conceito de ‘arte’ permaneceu com o mesmo significado abrangente da Antiguidade e o mesmo desígnio de “algo ensinável”.

Durante o Renascimento, muitas mudanças ocorreram na situação social e cultural das artes, abrindo caminho para o desenvolvimento de uma teoria estética. Mesmo assim, ainda não foi formulado um sistema das artes plásticas nem mesmo uma maior abrangência ampla da estética. O humanismo italiano manteve a tradição da gramática e retórica da Idade Média, ampliando o ensino, para além do *Trivium*, com o chamado *Studia humanitatis*, o qual excluía a lógica, mas acrescentava a gramática tradicional e a retórica da história moral da filosofia grega, e também a poesia como uma continuação do *Trivium*.

Nos séculos XV e XVI, a poesia foi entendida como a habilidade de escrever versos em latim e interpretar os poetas antigos. No entanto, a poesia (sobretudo a poesia latina), nesse período, recebeu uma grande importância com os humanistas. No século

XVI, a poesia vernacular começou a desfrutar de enorme prestígio ao lado da poesia latina, levando à criação de numerosas Academias fundadas na Itália, imitada posteriormente em outros países da Europa. O platonismo, redescoberto nessa época, também contribuiu para propagar a noção de “loucura divina” do poeta, levando, no começo do século XVI, a um maior desenvolvimento do conceito de gênio nas artes visuais, as quais, juntamente com a pintura, tiveram um aumento constante durante o período do Renascimento, atingindo um clímax na Itália, durante o século XVI, com Cimabue e Giotto.

A partir daí, há um crescente prestígio das artes visuais, sobretudo na Campanie de Florença, no qual a pintura, escultura e arquitetura aparecem como um grupo separado entre as artes liberais e as artes mecânicas. No final do século XVI, vários artistas e autores começaram a considerar a pintura como uma arte liberal, e não mais como uma arte mecânica, reivindicando para ela o mesmo prestígio que já tinham a música, a retórica e a poesia. As várias reivindicações culturais e sociais das artes visuais – primeiro na Itália no final do século XVI e em outros países da Europa posteriormente – levaram a uma importante investida: a de separar, pela primeira vez, as três artes visuais (pintura, escultura, arquitetura, que foram separadas dos ofícios que estavam vinculadas anteriormente).

Vasari, na sua obra sobre a vida dos artistas, criou o termo “*Arti del disegno*” (que provavelmente originou o termo “*beaux arts*”) para servir de orientação aos artistas dos quais tratava. Em 1563, em Florença, sob a influência de Vasari, vários pintores, escultores e arquitetos cortam as relações com a guildas e formaram uma academia de arte, a *Accademia del Disegno*, a primeira, e que serviu de modelo a várias outras instituições similares na Itália e em outros países. Essas academias de arte seguiram os modelos das academias literárias, que já existiam há algum tempo.

Esse anseio da pintura em ter o mesmo prestígio que a literatura teve uma valiosa contribuição com a abordagem de um conceito que começa a aparecer nos tratados de pintura do século XVI e que se manteve até o século XVIII, que é o paralelo da pintura com a poesia, tendo por base o *Ut pictura poesis* de Horácio. Sendo que, quanto aos antigos, essa relação sofreu uma alteração, invertendo-se, pois os antigos levavam em conta a pintura quando escreviam sobre a poesia, ao passo que os autores desse período comparavam a pintura com a poesia quando escreviam sobre a pintura. A *Arte Poética* de Horácio foi tomada como modelo literário de alguns dos tratados da época sobre a pintura de maneira um tanto quanto artificial. Essa comparação da pintura com a poesia foi persistentemente longa, como também o fora a emancipação das três artes visuais do

artesanato, e isso certamente preparou o caminho para o sistema das cinco artes como as definidas no futuro como “belas artes”, ainda que, em vários escritos do final do século XVI e início do século XVII, essa comparação da pintura com a poesia não tenha tido análises extremas e nem fugido a princípios comuns.

Leonardo da Vinci defende a superioridade da pintura sobre a poesia, música e escultura, fazendo um sistema dos mais completos do período da Renascença, embora o texto não fora feito exclusivamente por Leonardo, mas de notas espalhadas, organizadas por um de seus alunos e, posteriormente, organizada por editores modernos. Ainda assim, não há referência à arquitetura, e nem sempre é mantida a separação ente poesia e música.

Os problemas inerentes às discussões sobre arte sempre variaram. A arte sempre esteve ligada, entre outras, à questão da sua utilidade e do seu modo de apreensão e compreensão. Principalmente em distinguir, sobretudo do século XIX em diante, o que é arte. Como distinguimos um objeto utilitário de uma obra de arte? A discussão filosófica é uma, entre tantas, a tentar desvendar esse emaranhado de problemas cada vez mais complicado. Até hoje, no entanto, não se chegou a uma concordância clara e precisa a respeito. E não é nosso propósito aqui complicar ou descomplicar mais esse debate. A proposta é mais modesta. Visa, sobretudo, procurar entender como se dá a definição, a diferenciação e, principalmente a classificação das artes, mais precisamente, as assim chamadas “belas-artes”. Isto está sendo feito em pesquisa em desenvolvimento. Essas “organizações” das artes, as classificações, perduraram principalmente no século XVIII, com os filósofos alemães.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *Poética*. 7ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.
- BEARDSLEY Y HOSPER. *Estética: Historia y fundamentos*. Cátedra, 1997.
- DICIONÁRIO UNESP DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO. São Paulo: Unesp, 2004.
- HEGEL, G. W. F. *Cursos de Estética III. O sistema das artes particulares*. São Paulo: Edusp, 2001.
- _____. *Filosofía del arte o Estética* (verano de 1826). Apuntes de Friedrich Carl Hermann Victor Von Kehler. Universidade Autónoma de Madrid, Abada Editores, 2006.
- KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Lisboa: Edições 70, 2007.
- MORAL, Ricardo Piñero. *Teoría del arte clásico*. Salamanca, 1999.
- PLATÃO. *Hípias Maior*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- PLATÃO. *Sobre a inspiração poética (Íon) & Sobre a mentira (Hípias Menor)*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2007.
- SHELLING, F. W. J. *Filosofia da arte*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- SCHLEIERMACHER, F. *Estética*. Madrid: Verbum, 2004.
- SCHOPENHAUER, A. *Metafísica do belo*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- TERRADA, María José Lopes. *Introducción a la historia de las ideas estéticas: La antigüedad*. Universitat de València, 2007.